

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

FRANCISCO LIMA NASCIMENTO

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
ESTRUTURANDO UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

FRANCISCO LIMA NASCIMENTO

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
ESTRUTURANDO UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia na Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Janete Regina de Oliveira (DGE/UFV)

VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023

FRANCISCO LIMA NASCIMENTO

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
ESTRUTURANDO UM SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia na Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Janete Regina de Oliveira
(DGE/UFV)

VIÇOSA - MG

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais que sempre valorizaram o estudo, não medindo esforços para que a aprendizagem de seus três filhos fosse feita com qualidade, sempre dando todo o apoio necessário, nos ensinando a sermos corretos na maneira de agir e nos posicionar frente aos problemas da sociedade e sendo exemplos de profissionais que atuam em suas áreas com muito profissionalismo e dedicação.

Também faço um agradecimento a todo Departamento de Geografia, que me proporcionou, durante 5 anos, uma experiência de aprendizagem com grandes professores, em especial à professora Janete que aceitou ser minha orientadora e que teve um papel fundamental na minha formação como professor e pesquisador.

Também agradeço a todos os profissionais da Escola Estadual Doutor Levindo Coelho, onde tive minha primeira experiência profissional como professor, que me acolheram e sempre me deram apoio e liberdade para executar minhas aulas. Aos alunos do 2º ano que estiveram presentes e foram essenciais para a produção dessa dissertação, em especial à Leticia, Máisa, Pablo e Ana Clara que sempre se mostraram interessados e que tenho certeza serão grandes profissionais, independente da área que seguirem.

E também agradeço aos meus amigos e às minhas irmãs que sempre me proporcionaram muitos momentos de alegria, sendo um desafogo nos momentos difíceis que enfrentei nessa minha caminhada como estudante de Geografia.

RESUMO

A segregação socioespacial é uma realidade presente em nosso país e é fundamental a compreensão desse conceito pelos jovens estudantes do Ensino Médio como forma de instigá-los a analisar a segregação na prática e buscarem ações em comunidade que possibilitem uma mudança na realidade social desigual imposta pelo sistema capitalista. Para isso, foi elaborada uma sequência didática com o objetivo de estimular essa aprendizagem aos alunos, a partir de um estudo sobre espaço e as causas das desigualdades existentes nele, realizando atividades e aulas que buscam uma relação entre conteúdo trabalhado e cotidiano vivido pelos alunos. A área de aplicação desse estudo se deu na Escola Estadual Doutor Levindo Coelho, localizada em Ubá - MG, para educandos do 2º ano do Ensino Médio, buscando sempre uma prática pedagógica baseada em concepções anarquistas. A pesquisa se estrutura a partir de referenciais teóricos sobre o conceito de espaço, segregação socioespacial, relacionando com os conceitos da Geografia Escolar e as competências específicas e habilidades impostas pela BNCC para alunos do Ensino Médio. Também sendo feita a explicitação de toda sequência didática, composta por 5 aulas e 4 atividades, com a realização de um trabalho de campo *online* e, a partir disso, foi possível analisar a importância da elaboração de uma sequência didática como forma de se planejar e se preparar para a execução das aulas e atividades a serem desenvolvidas na abordagem de determinados conteúdos, além da eficácia da implementação de recursos tecnológicos na aprendizagem dos jovens estudantes.

Palavras-Chave: Espaço; Segregação socioespacial; Ensino; Sequência didática.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
PNE	Plano Nacional de Educação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Questionário.....	21
Quadro 2: Texto introdutório à atividade de campo online.....	24
Quadro 3: Sequência Didática sobre o tema Segregação Socioespacial - 2º ano do Ensino Médio.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Objetivo Geral.....	12
1.2 Objetivos Específicos.....	12
2 O ENSINO SOBRE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA GEOGRAFIA	12
2.1 O Conceito de Espaço.....	12
2.2 Relacionando Espaço e Segregação Socioespacial.....	13
2.3 Segregação Socioespacial e o Ensino de Geografia.....	14
2.4 BNCC e o Ensino sobre Segregação Socioespacial.....	15
2.4.1 Competências Específicas.....	17
2.4.2 Habilidades.....	17
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	19
3.1 Aula 1 - O conceito de espaço.....	20
3.1.1 Atividade - Questionário.....	21
3.2 Aula 2 - Troca de ideias sobre o questionário.....	22
3.2.1 Atividade - O uso de imagens como representação das desigualdades.....	22
3.3 Aulas 3 e 4 - Definição do conceito de segregação socioespacial.....	23
3.3.1 Atividade - Produto sobre o documentário “A Ponte” (2006).....	24
3.4 - Aula 5 - Campo <i>online</i>	24
3.5 A escola e os estudantes.....	27
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

A segregação socioespacial é uma realidade presente no espaço urbano das cidades brasileiras, um reflexo da sociedade desigual em que o sistema capitalista nos condiciona a viver. Um problema que afeta diretamente o modo de vida das pessoas, na infraestrutura das moradias e no direito ao uso e aos serviços oferecidos nos espaços urbanos. Partindo disso, entendo como fundamental a compreensão da população sobre as causas das desigualdades presentes nos espaços da cidade como uma forma de se conseguir mudança, criando uma visão crítica sobre a sociedade a partir da formação de uma consciência de classe na população que sofre com essa segregação socioespacial.

Para atingir essa conscientização da população sobre a segregação socioespacial vejo o ensino na Educação Básica como o melhor caminho para criar uma visão crítica em jovens que serão o futuro da sociedade, possibilitando a formação de uma classe trabalhadora mais consciente socialmente que luta por melhores condições e direitos ao espaço urbano. A Geografia é a disciplina que estuda o espaço e por isso é o conteúdo em que se faz a análise da segregação socioespacial na Educação Básica, sendo fundamental o ensino sobre esse conceito se dar relacionado com a realidade em que os alunos estão inseridos, fazendo com que analisem a segregação socioespacial no cotidiano vivido por eles.

Com isso, busco realizar a pesquisa estruturando uma sequência didática sobre o tema da segregação socioespacial, faço uso como área de aplicação do estudo a Escola Estadual Doutor Levindo Coelho, onde atuo como professor para alunos do Ensino Médio e que está localizada no bairro Vila Casal na cidade de Ubá-MG, buscando recursos e procedimentos que criem uma visão crítica nos alunos sobre o espaço e sistema em que eles vivem, sempre relacionando o conceito de espaço e suas definições com o cotidiano dos educandos.

Assim, a sequência didática se define por um conjunto de aulas expositivas, atividades desenvolvidas com os estudantes e uma aula de campo online que relacionem o conteúdo trabalhado com o cotidiano dos educandos, na busca de instigar os alunos a problematizar o espaço onde vivem, conscientizá-los sobre a segregação existente e provocá-los a questionarem as desigualdades existentes em nossa sociedade, tentando fazê-los entender que a segregação socioespacial está diretamente ligada ao capitalismo, à ação do Estado, ao conflito entre classes sociais, à propriedade e especulação imobiliária.

A fundamentação teórica será feita em torno de produções de Milton Santos (1978) sobre o conceito de espaço e a relação desse conceito com o estudo da segregação socioespacial. Também sobre o ensino de Geografia na educação básica e suas aplicações na aprendizagem sobre segregação, buscando trazer para a prática de ensino referências de

produções sobre educação anarquista. Além de discussões sobre o conceito, seus tipos, suas formas e suas consequências para a sociedade, relacionando-os às competências específicas e habilidades definidas pela BNCC na educação de jovens do Ensino Médio.

Uma pesquisa com a finalidade de acrescentar ao ensino de Geografia mais métodos de ensino que busquem criar educandos conscientes da realidade em que vivem, que saibam problematizar as dificuldades que enfrentam no dia a dia e que sejam instigados a buscar melhorias a partir de uma ação em comunidade.

Estruturar uma sequência didática sobre o tema da segregação socioespacial, para alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Levindo Coelho, abordando o conceito de espaço e relacionando com o cotidiano dos alunos, utilizando recursos e procedimentos que instiguem os alunos a questionarem a realidade existente sobre o espaço e o sistema em que estão inseridos são os objetivos desta pesquisa.

Uma pesquisa que envolve aspectos relacionados a uma prática pedagógica de educação anarquista que se volta para a formação de uma pessoa livre, autônoma, incomodada, problematizadora e rebelde (AUGUSTO, A; PASSETTI, E, 2008), como forma de provocar os alunos a problematizar as diferenças socioespaciais existentes entre o Centro e o bairro Vila Casal (onde está localizada a escola) de Ubá-MG e estimular a análise da segregação existente em seu espaço de vivência, possibilitando um conhecimento autônomo por parte do aluno sobre onde vive, livre de padrões pré-estabelecidos e impostos aos jovens que acabam normalizando as desigualdades existentes em nossa sociedade. Assim, a busca pela formação de um estudante “rebelde” significa formar pessoas que questionam, indagam, problematizam e não normalizam questões que são consequências da sociedade desigual em que vivemos.

A abordagem foi dada em torno do contexto sociocultural dos alunos, estudando o espaço onde estão inseridos, passando atividades que estimulem a análise sobre problemas existentes nesse espaço. O enfoque sobre segregação socioespacial foi feita em torno do estudo da formação do espaço no ensino de Geografia, problematizando a ação do Estado no sistema capitalista, os conflitos sociais e a influência da propriedade privada e estatal em conjunto da especulação imobiliária na existência da segregação socioespacial, sempre relacionando esses fatores com as atividades passadas aos alunos sobre os problemas analisados em seu dia a dia.

Pretendo por meio dessa pesquisa criar instrumentos pedagógicos e dialógicos de aprendizado partilhado, com uma vocação educativa e politicamente formadora, buscando elaborar metodologias de ensino e práticas pedagógicas em conjunto dos alunos, como forma

de fazer uso do conhecimento empírico dos educandos sobre o meio socioespacial em que estão inseridos.

A sequência pedagógica do ensino sobre segregação socioespacial foi elaborada por aulas expositivas, com reflexões feitas em sala de aula em conjunto dos alunos, atividades desenvolvidas e uma aula de campo *online*. A primeira aula expositiva tem o objetivo de definir o conceito de espaço, como forma de fazer os alunos compreenderem que o local onde vivem é formado a partir de relações sociais, e não algo já determinado, possibilitando a criação de uma consciência de que esse pode ser transformado.

A segunda aula expositiva é dada com o objetivo de relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos, refletindo sobre as respostas de um questionário elaborado para instigar os educandos a formularem uma visão crítica sobre as diferenças estruturais existentes entre os bairros da cidade de Ubá, problematizando essas desigualdades e buscando respostas que podem gerar uma melhoria na qualidade de vida.

A partir dessas aulas que buscam abordar o conteúdo na prática dos alunos, o conceito de segregação socioespacial deve começar a ser trabalhado, pois os estudantes já estarão com uma maior base teórica para formar uma visão crítica sobre o espaço e o sistema em que estão inseridos, podendo estar mais interessados em compreender os motivos que levam a essa produção desigual do espaço. Assim, estarão mais motivados a aprender sobre a relação entre capitalismo, Estado, conflitos entre classes sociais, propriedade e especulação imobiliária com a existência da segregação socioespacial.

Já as atividades são recursos utilizados com objetivo de relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos. A primeira atividade se baseia em um questionário a ser respondido por eles e também por uma pessoa de fora da escola (familiar, amigo, etc), como uma forma de analisar o espaço onde vivem e também fazer comparações com outros espaços da cidade, com o intuito de indagá-los sobre o por quê de haver espaços heterogêneos dentro da mesma cidade.

A partir desse questionário os alunos começaram a refletir sobre a estrutura do local onde moram, respondendo às perguntas por meio do conhecimento já existente sobre o espaço onde habitam. Essa atividade foi feita com o objetivo de estimular os educandos a buscarem entender as causas dessas diferenças.

Outra atividade passada foi utilizar imagens com o objetivo de conscientizar os alunos sobre a segregação existente em seu espaço de vivência. A partir de imagens o educando consegue visualizar mais precisamente a desigualdade entre diferentes espaços que define a

segregação socioespacial. O conceito sai do campo da imaginação e vai para o concreto, com o estudante vendo na realidade o que está sendo abordado em sala de aula.

A atividade sobre o documentário “A Ponte” foi um recurso utilizado com objetivo de expor a segregação socioespacial presente na cidade de São Paulo, mostrando aos alunos esse problema social em uma escala mais ampla, saindo apenas da análise local para uma reflexão mais global deste fenômeno e também explicita ações feitas pelos moradores desses locais que trouxeram melhoria de vida para a população que reside nas áreas segregadas da Zona Sul do município. Uma forma de fazer os alunos compreenderem que eles podem buscar meios de agir em comunidade na luta pela melhoria de vida.

Para concluir essa sequência didática, foi fundamental a execução de uma aula de campo com os alunos. Devido a complexidade de se executar uma aula de campo para jovens do Ensino Médio, pela necessidade da autorização dos responsáveis, além da dificuldade em achar um horário com trânsito menos intenso e temperatura mais amena na cidade de Ubá para que os alunos se sintam confortáveis na aula, busquei elaborar outro recurso de campo que fizesse proveito das tecnologias de mapeamento e geoprocessamento que estão cada vez mais evoluídas e possibilitando a análise de diferentes locais em todo mundo utilizando apenas um computador. Assim, foi formulada uma atividade de campo online utilizando a sala de informática da escola e o recurso do *Google Street View* disponível gratuitamente na internet.

A finalidade social dessa pesquisa é compreender o espaço onde os alunos estão inseridos, conhecendo sua formação na busca de conseguir interpretar a causa das desigualdades existentes entre os espaços da cidade, conseqüentemente, tornando futuros profissionais conscientes da exploração imposta pelo sistema capitalista sobre a classe trabalhadora e como que isso influencia diretamente na formação da sociedade e dos espaços segregados existentes em nosso país.

A partir da formação dessa consciência de classe, os futuros trabalhadores saberão qual caminho de luta a seguir para conquista de uma sociedade mais justa, deixando de culpar o indivíduo pela desigualdade e fazendo uma análise sistemática dos meios de produção e sua influência na formação da sociedade e do espaço.

A abordagem desse tema no ensino de Geografia é importante por tratar o conceito de segregação socioespacial na busca de realizar atividades com os estudantes como forma de acrescentar no ensino do educando a reflexão sobre o espaço onde vivem. Sendo essa compreensão fundamental para a construção de um olhar geográfico sobre situações que envolvem o cotidiano e a vida em sociedade.

Para a educação em geral, isso é fundamental para que os alunos busquem sempre fazer esse exercício de assimilar o conteúdo abordado em sala de aula e aplicá-lo na realidade em que vivem. Uma ideologia de ensino que busca a autonomia do educando na produção do conhecimento, provocando-o a problematizar a realidade em que vive e buscar agir contra as forças que impedem a criação de uma sociedade mais igualitária.

1.1 Objetivo Geral

Estruturar uma sequência didática sobre o tema da segregação socioespacial, para alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Levindo Coelho.

1.2 Objetivos Específicos

- Abordar o conceito de espaço.
- Relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos
- Utilizar recursos e procedimentos que instiguem os alunos a questionarem a realidade existente sobre o espaço e o sistema em que estão inseridos.

2 O ENSINO SOBRE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA GEOGRAFIA

2.1 O Conceito de Espaço

O espaço é o conceito central na formulação desta pesquisa, sua compreensão é essencial para introduzir o ensino da segregação socioespacial e para orientar os alunos sobre como se dá a formação do local onde habitam. Um conceito que deve ser abordado partindo de definições feitas por Milton Santos, expondo para os alunos que “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (Santos, 1978, p.122).

Assim, já começa a se definir o espaço como algo heterogêneo que é resultado da sociedade desigual em que vivemos,

[...] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (Santos, 1978, p. 171).

Essa definição evidencia como a segregação socioespacial está diretamente relacionada à produção do espaço, uma formação ligada às relações sociais de uma sociedade desigual, que oferece serviços e infraestrutura a alguns e recusa a outros, que seleciona quem

vai ocupar um local mais valorizado e menos valorizado, sendo um reflexo da desigualdade em que vivemos:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (Santos, 1978, p. 122).

Como as relações sociais do passado e do presente são marcadas por uma divisão de classes, em que há pessoas que são mais privilegiadas que outras devido a sua classe social, a manifestação dessas relações no espaço, conseqüentemente, também se dá relacionada a essa segregação, com determinados espaços na cidade compostos por pessoas de alta renda tendo mais privilégios do que espaços compostos por pessoas de baixa renda. Sendo assim, espaço e segregação socioespacial estão diretamente relacionados em seus processos de formação.

2.2 Relacionando Espaço e Segregação Socioespacial

Definindo o espaço como conceito base para a análise da segregação socioespacial, as análises foram feitas da mesma maneira,

é preciso sempre perguntar quem segrega, para realizar seus interesses; quem a possibilita ou a favorece, com normas e ações que a legalizam ou a legitimam; quem a reconhece, porque a confirma ou parece ser indiferente a ela; quem sente, porque cotidianamente vive essa condição; quem contra ela se posiciona, lutando ou oferecendo instrumentos para a sua superação; quem sequer supõe que ela possa ser superada e, desse modo, também é parte do movimento de reafirmação (Sposito, 2013, p. 67).

Refletindo sobre isso, a segregação vivida na dimensão do cotidiano se apresenta de diversas formas, seja no acesso e no aspecto da moradia, no transporte, na acessibilidade, e na deterioração e diminuição dos espaços públicos (Carlos, 2013). Ela extrapola a esfera do morar e se estende à do habitar, pois sua compreensão vai além da fragmentação dos espaços e lugares da cidade, expandindo-se até a restrição dos direitos e dos usos que se podem fazer dela (Cavalcanti, 2017, p.141).

Podemos então analisar diferentes tipos de segregação socioespacial, Correa (2013) define a partir de três perspectivas: a auto segregação, a segregação imposta e a segregação induzida. Cavalcanti (2017) argumenta sobre essas perspectivas buscando relacioná-las ao ensino de Geografia

A auto segregação se refere a uma política de classes associada à elite, que reforça as diferenças de existência e condição, na medida em que ocupam as áreas mais nobres e privilegiadas da cidade, com habitações amplas e

confortáveis e com acesso à segurança. Há normas e leis de exclusividade do solo urbano que se refletem, por exemplo, através dos altos muros que cercam os condomínios, reforçando o seu status social, e controlam e interferem no espaço, ingrediente fundamental para a sua condição. (...) A segunda, segregação imposta ou induzida, segundo o autor, é também resultado de uma política de classes gerada pelos grupos que detêm o poder. A segregação imposta é aquela que acontece sem alternativas de escolha locacional e tipos de habitação. A terceira, a segregação induzida, permite escolhas ainda que dentro dos termos da renda, valor da terra e acessibilidade calculadas pelo mercado imobiliário, financiadas por bancos diversos entre outros atores. (Cavalcanti, 2017, p.143 e 144)

Dessa forma, fica possível estabelecer a relação entre segregação socioespacial com o capitalismo, a ação do Estado, o conflito de classes, a propriedade e a especulação imobiliária, e a partir disso deve se dar a explicação do conceito em sala de aula.

2.3 Segregação Socioespacial e o Ensino de Geografia

Mais especificamente sobre o ensino de Geografia, as referências se constroem em torno de um ensino que se relacione com o cotidiano dos alunos:

O desenvolvimento de um pensamento geográfico, advindo da experiência cotidiana em habitar a periferia e confrontado com elementos da análise geográfica, torna-se mais amplo. Sendo assim, compreender a cidade por meio do ensino de Geografia pode ser também um elemento central das escolas que se pautam na formação de cidadãos mais críticos e conscientes, emergindo do reconhecimento de que a cidadania se aprende, é a busca do direito a ter direitos (Cavalcanti, 2008 apud Cavalcanti, 2017, p.146).

A sequência didática elaborada se pauta nisso, na compreensão do espaço onde vivem com objetivo de formar cidadãos conscientes da realidade e que enxergam os conceitos em seu dia a dia,

Defende-se que é importante o entendimento dos alunos acerca do significado dos conhecimentos científicos para sua vida cotidiana, interpretar como é possível interferir satisfatoriamente na sua vida e na cidade e que ele possa se enxergar como cidadão que propõe e o que faz no que diz respeito ao direito a viver na cidade. Nessa ação, o significar permite elaborar concepções capazes de extrapolar as paredes da sala de aula e conduzir o aluno a ver o espaço cotidiano pelo olhar da Geografia, que se preocupa com a situação da sociedade como produtora do espaço urbano e com a coletividade. Portanto, o significar é a possibilidade de colocar em prática o exercício da cidadania. (Portela, 2020, p. 46 e 47).

Assim, a compreensão do conceito de espaço como introdução ao estudo da segregação socioespacial passa sempre pela preocupação de formar uma visão crítica no aluno sobre o espaço em que ele está inserido, “nessa perspectiva, ensinar geografia é mais do que ensinar apenas um conjunto de temas e conteúdos, é sobretudo ensinar sobre um modo

de olhar e pensar geograficamente a escola, o bairro e a cidade, entre outras escalas” (Cavalcanti, 2017, p.147).

2.4 BNCC e o Ensino sobre Segregação Socioespacial

O currículo foi algo criado “como um conceito para dirigir e controlar o credenciamento dos professores e sua potencial liberdade nas salas de aula” (Goodson, 2007, p.243). Uma relação de poder que restringe a ação do professor, tendo que seguir parâmetros definidos como base para o exercício da docência, mas que não são imparciais e

O currículo como prescrição sustenta místicas importantes sobre estado, escolarização e sociedade. Mais especificamente, ele sustenta a mística de que a especialização e o controle são inerentes ao governo central, às burocracias educacionais e à comunidade universitária. Desde que ninguém desvele essa mística, os mundos da "prescrição retórica" e da "escolarização como prática" podem coexistir. (Goodson, 2007, p.242)

Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo, que busca garantir um patamar comum de aprendizagens a todos estudantes da Educação Básica, controlando quais são os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para enfrentar demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho, e usando as escolas como “distribuidoras” dessa “prescrição retórica” moldada por relações de poder, estando em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE) e fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

O documento foi implementado em 2017, com o objetivo de estabelecer um currículo comum a todas escolas públicas do país, dando certa autonomia para as secretarias interpretarem o documento para impor em sala de aula de acordo com suas ideias. Algo que acaba se compactuando com as desigualdades existentes por não dar relevância a esses tópicos, como a diversidade é abordada de forma muito superficial em nossa sociedade, conseqüentemente, nas escolas esse padrão segue sendo implantado, com os discursos hegemônicos prevalecendo no ensino.

A estruturação do documento se dá pela definição de competências e habilidades a serem seguidas como forma de aprendizado. As competências podem ser analisadas como algo mais subjetivo e pessoal, enquanto as habilidades como algo mais prático e tangível. Sendo assim, as habilidades específicas são as formas como se deve proceder o ensino para que o educando desenvolva as competências definidas pela BNCC.

Devido a padronização da BNCC como base curricular para o Ensino Básico, é necessário abordar o tema da segregação socioespacial de acordo com as competências específicas e as habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas estabelecidas pelo currículo como forma de validar o conteúdo que será desenvolvido com os estudantes. Como é uma sequência didática construída visando o ensino sobre segregação socioespacial para alunos do Ensino Médio, as relações serão feitas de acordo com as competências e habilidades destinadas à esse período da Educação Básica.

A argumentação sobre a relação entre segregação socioespacial e as competências e habilidades definidas pela BNCC será baseada nas teorias e nos propósitos da Geografia Escolar, uma área de conhecimento “comprometida socialmente com a produção da condição humana e com a produção consciente dos espaços, sejam eles naturais, sociais, culturais ou políticos” (Thiesen, 2011, p.87). Uma abordagem que será guiada pelos princípios de “pautar o planejamento do trabalho docente considerando e valorizando as vivências dos estudantes e da comunidade”, “mostrar caminhos e/ou apontar novos jeitos de caminhar”, “problematizar os conteúdos de conhecimento”, “sistematizar o conhecimento produzido”, “estimular o trabalho coletivo” e “discernir o essencial e o secundário no ensino de Geografia” (Thiesen, 2011).

2.4.1 Competências Específicas

As competências específicas definidas pela BNCC para o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para alunos do Ensino Médio que se relacionam com a sequência didática desenvolvida são:

- Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (Brasil, 2018, p.570)

Essa competência específica se relaciona com a aula sobre a definição do conceito de espaço, mostrando como ele se forma a partir de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais que vão se desenvolvendo ao longo do tempo, buscando estimular uma visão crítica nos alunos sobre como as desigualdades presentes no espaço são formadas, como forma de questionar a realidade e não naturalizar os problemas enfrentados no cotidiano.

- Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações. (Brasil, 2018, p.570)

A relação com essa competência se dá pela análise dos diferentes espaços que são formados dentro de uma mesma cidade, com uma desigualdade na oferta de serviços e na infraestrutura fornecida pelo Estado, refletindo sobre como as relações de poder estabelecidas pelo capitalismo determinam a formação do espaço que cada grupo social irá ocupar.

- Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades. (Brasil, 2018, p.570)

Essa competência se relaciona com o objetivo da sequência didática de conectar a ideologia de exploração e segregação imposta pelo capitalismo com a formação desigual dos espaços da cidade.

- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (Brasil, 2018, p.570)

Essa competência é um dos objetivos principais da pesquisa, fazer os alunos identificarem a segregação socioespacial nos espaços que frequentam, entendendo suas causas e fortalecendo a ideia de que é necessário viver em comunidade para conseguir lutar por uma sociedade mais justa.

2.4.2 Habilidades

As habilidades definidas pela BNCC para o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para alunos do Ensino Médio que se relacionam com a sequência didática desenvolvida são:

- Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (Brasil, 2018, p.572)

Essa habilidade se relaciona com o documentário “A Ponte” passado aos alunos como forma de apresentar diferentes fontes e narrativas sobre a segregação socioespacial e ações comunitárias que podem ser implementadas como forma de combater as desigualdades, analisando o contexto da segregação socioespacial presente na Zona Sul de São Paulo.

- Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p.572)

A relação se dá pela atividade realizada fazendo uso do recurso de imagens para compreensão da segregação socioespacial presente na cidade de Ubá, além do uso do recurso de campo *online* como forma de fazer uso de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica para produzir conhecimento.

- Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas. (Brasil, 2018, p.573)

A ocupação do espaço está diretamente relacionada ao tema da sequência didática, identificando e problematizando o papel do Estado, do capitalismo, do conflito entre classes sociais, da propriedade e da especulação imobiliária na produção da segregação socioespacial

- Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico. (Brasil, 2018, p.573)

A análise da ocupação humana em diferentes espaços é fundamental para compreensão do tema desenvolvido, a partir dessa análise é possível identificar diferentes processos de formação do espaço e suas consequências para a vida de quem o ocupa.

- Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica. (Brasil, 2018, p.576)

A análise de indicadores de emprego, trabalho e renda é fundamental para compreender quais são os grupos sociais que ocupam cada espaço da cidade e as diferenças existentes entre eles.

- Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância

e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (Brasil, 2018, p.577).

Essa sequência didática tem o objetivo de fazer os alunos analisarem os espaços de maneira crítica, desnaturalizando e problematizando as desigualdades presentes entre os espaços, entendendo suas causas e os caminhos a serem seguidos em comunidade para a superação desses problemas.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

A construção dessa pesquisa foi feita a partir de uma metodologia participante, sendo um método de pesquisa que parte da realidade concreta da vida cotidiana de seus participantes, com a formação de uma relação do tipo “sujeito-sujeito” (Brandão, 2007), compreendendo os alunos como fontes originais de saber e que devem ter seus diferentes entendimentos sobre o espaço em que vivem compartilhados para que haja a compreensão da realidade social em que estão inseridos, articulando conhecimento científico e popular.

A ideologia de educação anarquista em que me baseio se volta para uma prática de ensino fundamentada em um exemplo de sociedade elaborada pelo geógrafo, pensador e ativista do movimento anarquista Piotr Kropotkin (2009), que considera o ser humano como um ser social que sobreviveu o decorrer da história por meio da ajuda e do apoio mútuo, mas que tem sua essência manipulada pelo individualismo desenvolvido no sistema capitalista.

Assim, a ideia de ajuda mútua desenvolvida por Kropotkin (2009) se expande ao ensino anarquista por fazer parte de um projeto de sociedade, que defende

[...] a negação de uma ordem injusta, que impõe a exploração do homem pelo homem, se apresenta como um meio de luta para a transformação social, rejeita o princípio da autoridade política e sustenta que a ordem social é possível e desejável sem essa autoridade. (Juliani, 2018, p. 37)

Aplicando essa ideologia no ensino, a relação entre professor e aluno tem que se dar a partir de uma troca de saberes, valorizando o conhecimento e a vivência do aluno e não estereotipando o professor como a única autoridade detentora do conhecimento a ser desenvolvido na escola.

Além disso, a busca por essa sociedade solidária e livre de padrões e regras desenvolvidas visando o controle social deve começar a se implementar nos jovens com a perspectiva de que a mudança se dá a partir de um projeto construído ao longo do tempo. Então, a educação anarquista deve valorizar o conhecimento de cada aluno, dar espaço para

que exponham suas opiniões, estimular o trabalho em equipe, romper com padrões de comportamento impostos pela sociedade do controle, “o aluno deve pensar seu lugar no mundo, ser protagonista ativo de sua aprendizagem, experienciar o conhecimento de maneira prática na vida, se preparando para ela” (Juliani, 2018, p. 52).

E é buscando a implementação de ideias de um sistema que julgo como mais justo e defendo como o que mais se aproxima à essência do ser humano, fundada na ajuda mútua (Kropotkin, 2009), mas que acaba sendo manipulada pela sociedade do consumo, que me baseio para construir essa sequência didática sobre um tema essencial na compreensão das injustiças sociais e que só pode ser superado a partir de uma ação em comunidade.

A sequência didática é uma preparação prévia de aulas e atividades que serão colocadas em prática com certo objetivo didático a ser atingido, uma forma de sistematizar as aulas, preparar a execução das atividades, estipular o tempo a ser gasto em cada etapa, sendo uma base fundamental para que a prática de ensino seja feita com coerência e bem preparada para alcançar certo objetivo que deve ser definido de acordo com a necessidade dos alunos, assim,

Independentemente do modelo escolhido, em uma perspectiva sociointeracionista tais objetivos e necessidades são baseados nos seguintes princípios didáticos: valorização dos conhecimentos prévios dos alunos; ensino centrado na problematização; ensino reflexivo, com ênfase na explicitação verbal; ensino centrado na interação e na sistematização dos saberes; utilização de atividades diversificadas, desafiadoras e com possibilidade de progressão (das atividades mais simples às mais complexas) – lembrando que uma única atividade pode mobilizar diferentes conhecimentos e estimular diferentes habilidades. (Pessoa, s.d)

A partir disso se fundamenta a sequência didática elaborada nesta pesquisa com o objetivo de fazer os educandos compreenderem o conceito de segregação socioespacial, valorizando o conhecimento dos alunos, problematizando questões vividas no cotidiano deles, utilizando diferentes atividades elaboradas progressivamente, fazendo refletir sobre o espaço em que vivem e sistematizando os saberes desenvolvidos ao longo de 5 aulas e 4 atividades preparadas por essa sequência.

3.1 Aula 1 - O conceito de espaço

Para isso, primeiramente, deve-se abordar em sala de aula o conceito de espaço. Um conceito fundamental no ensino de Geografia. Os alunos devem compreender nessa aula o conceito como algo que é produzido por um conjunto de relações sociais do passado e do presente, que se representam a partir de um conjunto de funções e formas, buscando

referências em obras do Milton Santos como uma maneira de apresentar aos alunos e valorizar os estudos de um geógrafo brasileiro de grande influência mundial.

Como a definição de espaço por Milton Santos é uma obra complexa, com o uso de conceitos e definições destinados a quem já tem uma formação acadêmica ou busca uma formação em Geografia, a função do professor do Ensino Básico é tornar a definição desse conceito mais acessível aos seus alunos, sendo assim, o mais importante nessa aula é os alunos compreenderem que o local onde vivem é um espaço formado a partir de relações sociais do passado e do presente, que interagem com a natureza e se materializam a partir da produção e formação de um espaço (Santos, 1978).

A partir dessa definição de espaço, o recurso utilizado para que esse conceito comece a ser absorvido pelos estudantes de maneira crítica e abordando a realidade em que vivem, foi um questionário com questões que foram respondidas pelos alunos e por pessoas que eles entrevistaram, que residem em locais diferentes ao deles, como forma de estabelecer um diálogo com alguém de fora da escola e que vive em outro espaço.

3.1.1 Atividade - Questionário

Quadro 1: Questionário

PERGUNTA
1- Qual bairro você mora?
2- Tem coleta de lixo?
3- Tem tratamento de esgoto?
4- Você faz uso de transporte público?
5- Como você avalia a qualidade desse transporte? (0 a 10)
6- Os serviços públicos de saúde oferecidos atendem às suas necessidades?
7- No seu bairro tem espaço para cultura e lazer?
8- As ruas são asfaltadas?
9- As moradias têm infraestrutura adequada?
10- Há construções em encostas de morros?

11- Há construções em margens de rios?
12- Há muitos casos de violência em seu bairro?
13- Você se sente seguro(a) morando nele?
14- A polícia é capaz de oferecer uma melhor segurança para o bairro?
15- O centro tem uma infraestrutura melhor que seu bairro?
16- A prefeitura oferece serviços de qualidade para seu bairro?
17- Você acredita que a política pode melhorar sua qualidade de vida?
18- Existem pessoas mais privilegiadas que outras em sua cidade?
19- Estes privilégios têm relação com o lugar onde moram?
20- O local onde você mora tem relação com sua condição financeira?

Elaboração: Francisco Nascimento, 2023.

São questões que provocam os alunos a problematizar a realidade em que vivem, por exemplo, se um estudante responde que as ruas do bairro onde mora não são asfaltadas (questão 8), mas seu entrevistado responde que as ruas do bairro dele são asfaltadas, isso faz os alunos reconhecerem que existem diferentes realidades dentro da mesma cidade e pode motivá-los a refletirem o porquê de um local ter melhor infraestrutura do que outro, estimulando uma reflexão crítica sobre a formação do espaço onde vivem.

3.2 Aula 2 - Troca de ideias sobre o questionário

Partindo disso, na próxima aula da sequência didática, foi feita a análise das respostas dos questionários, como forma de comparar a realidade de diferentes espaços da cidade de Ubá-MG. Para isso, foi necessário escrever no quadro os bairros que foram abordados nas pesquisas, como a Escola Estadual Doutor Levindo Coelho está localizada no bairro Vila Casal, a maioria dos estudantes reside neste bairro, então foi feita uma comparação mais focada na análise entre a estrutura do bairro Vila Casal e dos bairros que residem os entrevistados pelos alunos. Uma análise feita dentro de uma aula, com o professor em conjunto dos alunos buscando entender os motivos que levam um espaço a ter melhor infraestrutura que outro.

3.2.1 Atividade - O uso de imagens como representação das desigualdades

Após esse diálogo feito em sala de aula, estimulando os alunos a se posicionarem e refletirem sobre a formação desigual do espaço, um recurso utilizado para tornar visível pelos alunos essa segregação existente na cidade em que residem, foi passar aos educandos uma atividade em que eles deveriam registrar a partir de duas imagens uma diferença estrutural entre o um bairro e o Centro da cidade de Ubá, por exemplo, um grupo tirou uma foto da praça São Januário localizada no Centro da cidade em comparação com outra foto de uma praça localizada no bairro Vila Casal. Analisando a formação socioespacial da cidade, neste exemplo fica evidente a diferença de investimento, conservação, segurança, estrutura e das classes sociais que frequentam estes dois espaços.

Como busco sempre que possível implementar uma ideologia pedagógica libertária, baseada mais na independência intelectual do aluno do que na cobrança em seguir padrões de comportamento estabelecidos pela escola. Nessa atividade deixei em aberto a possibilidade de ser realizada em grupo, com os alunos se ajudando mutuamente e definindo por conta própria como iriam realizar essa atividade, quais locais iriam utilizar como referência, quem iria tirar as fotos, como iriam apresentar na sala, entre outras questões que envolviam a atividade e os alunos souberam se organizar de maneira autônoma e eficiente.

3.3 Aulas 3 e 4 - Definição do conceito de segregação socioespacial

A partir do uso desses recursos e procedimentos passados com o objetivo de fazer refletir sobre a produção do espaço em que os alunos vivem, relacionar o conceito com o cotidiano, instigar a problematizar as desigualdades e provocar a buscar entender o que causa isso, na próxima aula desta sequência didática, os alunos já estavam melhor preparados para assimilar o conceito de segregação socioespacial, pois ficaram cientes sobre como se dá a formação do espaço e como que o espaço em que vivem está sendo formado, ficando evidente que há uma desigualdade, que agora será definida conceitualmente como segregação socioespacial.

A definição sobre segregação socioespacial deve ser feita em aulas expositivas, com o professor definindo mais precisamente as causas dessa segregação. Assim, a análise foi direcionada ao sistema capitalista e sua relação com o Estado, influenciando suas ações a estarem sempre voltadas ao lucro, abordando os conflitos entre classes sociais que formam áreas segregadas mas que são homogêneas internamente e a influência da propriedade e da especulação imobiliária na segregação, abordando os conceitos de autosegregação, segregação imposta e segregação induzida (CORRÊA, 2013). Uma definição do conceito mais detalhada que teve que ser dividida em duas aulas, sempre relacionando os conceitos

com as atividades realizadas pelos alunos e dando espaço para que haja um diálogo entre professor e estudante.

3.3.1 Atividade - Produto sobre o documentário “A Ponte” (2006)

Com a explicação sobre segregação socioespacial já feita, uma outra atividade passada aos alunos, foi voltada para a análise do conceito saindo apenas do local onde os educandos vivem, para que entendam que a segregação socioespacial é algo presente na realidade de todo nosso país, e que a segregação existente na cidade de Ubá é apenas mais uma consequência da realidade desigual em que vivemos. Assim, a atividade foi passar aos alunos o documentário “A Ponte”, produzido em 2006 e disponível gratuitamente na internet, que expõe a segregação socioespacial presente nos bairros da Zona Sul da cidade de São Paulo, pedindo aos alunos para identificarem a segregação exposta no documentário e produzirem um material que represente o que aprenderam com aquilo, novamente, dando liberdade para o aluno se expor de maneira autônoma, assim, foram produzidos resenhas críticas sobre o documentário, desenhos (em anexo), poemas, uso de imagens, entre outros recursos que representavam o que cada um aprendeu com a atividade.

3.4 - Aula 5 - Campo *online*

Para finalizar essa sequência didática é fundamental a execução de uma aula de campo com os alunos, uma aula utilizando um recurso online do *Street View* disponibilizado pelo *Google* com a elaboração de um roteiro a ser seguido pelos alunos (em anexo). Uma atividade realizada na sala de informática da escola, fazendo proveito dos recursos disponíveis e que busca realizar a análise da segregação socioespacial em diferentes escalas.

Quadro 2: Texto introdutório à atividade de campo online.

A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO BRASIL

O fenômeno da globalização desencadeou um avanço da ciência e da tecnologia que possibilitou a criação de diversas ferramentas que nos conectam com realidades distantes da que vivemos. Podemos conversar com pessoas em diversos locais de maneira *online*, recebemos notícias a todo momento de países do mundo inteiro, também podemos analisar diferentes espaços sem a necessidade de estarmos presentes fisicamente no local, e uma das ferramentas que possibilitam isso é o *Google Maps* através do *Street View*.

Nesta atividade será pedido a análise de diferentes espaços do nosso país com o intuito de refletir sobre a segregação socioespacial.

Como já estudamos, a segregação é imposta pelo sistema desigual em que estamos submetidos e, conseqüentemente, observamos no espaço essas desigualdades, com alguns tendo melhor infraestrutura do que outros. Mas, ao mesmo tempo, isso não quer dizer que quem vive em locais melhor estruturados são mais felizes ou satisfeitos do que quem mora em locais que não recebem um investimento adequado. A qualidade de vida é algo relativo e em todo espaço podemos encontrar pontos positivos e negativos.

Assim, nessa atividade vocês terão que analisar diferentes espaços pelo *Google Maps* e refletir sobre pontos positivos e negativos de se viver nesses locais, levando em consideração diferentes aspectos, como:

- lazer;
- convivência;
- segurança;
- infraestrutura das ruas e casas;
- a possibilidade de interagir com vizinhos;
- a comodidade de locais de socialização (praças, bares, restaurantes);
- os serviços oferecidos (transporte, lojas, escolas);
- o custo de vida do local; entre outros.

Faça uma análise sem preconceitos, pensando na estrutura do local mas também na receptividade que pode oferecer a quem for morar nele.

Essa atividade será dada primeiramente pela análise de espaços de nosso país que são reconhecidos globalmente para depois analisarmos os espaços do local em que vivemos. Uma forma de conseguir exercitar a compreensão de fenômenos sociais em diferentes escalas.

Elaboração: Francisco Nascimento, 2023.

O trabalho de campo é fundamental no ensino de Geografia por dar sentido a um conteúdo trabalhado em sala de aula que está diretamente ligado aos espaços frequentados no cotidiano, uma forma de concretizar o que está sendo discutido e explicitar aos alunos como os conteúdos trabalhados têm relação com a vida deles e que fazendo essa relação entre teoria e prática fica possível analisar a realidade em que vivem com outro olhar, um olhar crítico. Uma aula de campo baseada na ideologia de uma Geografia Crítica, em que

Para os adeptos do paradigma crítico, não se poderia, em momento algum, desconsiderar as contradições sociais presentes no espaço (...) a Geografia Crítica avalia que o espaço só poderá ser compreendido em sua totalidade se considerado como produto social (...) Por isso, os trabalhos de campo realizados sob esse paradigma pressupõem uma tomada de posição em relação à divisão entre detentores do poder e excluídos. Conforme a concepção encaminhada pelos geógrafos críticos, o cientista deve, antes de tudo, ser um militante, cujo objetivo maior é o de construir uma sociedade mais justa e mais igualitária. Assim, a pesquisa participante e o trabalho de campo tornam-se um importante instrumental de luta política, em que todas as desigualdades sociais são denunciadas e todas as análises privilegiam a possibilidade de transformação da sociedade. (Oliveira, 2005, p. 49 e 50)

E a atividade de campo elaborada se baseia nessa ideia de analisar as contradições sociais presentes no espaço, considerado como um produto da desigualdade social existente devido às relações de poder impostas pelo sistema capitalista. Um trabalho com o objetivo social de denunciar os privilégios e a segregação que existem em nossa sociedade, na busca da formação de sujeitos críticos que se sintam motivados a lutar por uma sociedade mais justa.

A escolha por realizar o trabalho de campo de forma *online* se deu pela dificuldade de realizar um campo na cidade de Ubá - MG, com o horário de minhas aulas definidos entre 11:30 e 12:20, a temperatura da cidade nesse horário está elevada, devido à posição do Sol e as características climáticas da cidade, além disso, esse é um horário de grande circulação de veículos nas ruas, com alunos voltando da escola para casa, trabalhadores em horário de almoço indo para casa, tornando o trânsito muito intenso. Devido a isso, a aula de campo realizada nas ruas da cidade se tornaria algo muito desgastante e perigoso devido ao intenso tráfego de veículos e às altas temperaturas nas ruas da cidade nesse horário.

Além disso, seria necessária uma autorização dos responsáveis pelos alunos para que pudessem ir a campo e isso restringiria a participação de alguns estudantes na aula. Então, para realizar uma aula em que todos possam estar presentes e fazendo uso dos recursos disponíveis dentro da escola, decidi realizar esse trabalho de campo *online* na sala de informática da escola. Uma atividade que continua sendo considerada como aula de campo por ser uma forma de conhecimento que

se constitui, preferencialmente, através dos sentidos, principalmente do olhar. Esse olhar, que é ao mesmo tempo subjetivo, físico e orgânico, pode ocorrer tanto fora como dentro da sala de aula. É possível descrever não apenas a partir de visitas ao campo, mas, também, através de imagens visuais (fotografias, cinema, literatura) e não-visuais (sons, cheiros). O mais importante é que esse olhar seja balizado por uma reflexão teórica que, no caso do ensino de geografia, deseja que a observação esteja conectada aos pressupostos que dão sentido e significado à aprendizagem (por quês, como, onde, quando e em que dimensão espacial o fenômeno ocorre). (Oliveira, 2005, p. 16)

Sendo assim, o campo *online* se dá a partir do olhar sobre imagens visuais de diferentes espaços disponibilizados pela plataforma do *Google Street View*, um olhar baseado em toda reflexão teórica e prática realizada nas aulas dessa sequência didática, voltado para a análise da segregação socioespacial, um olhar que foi educado para ver além do que somos induzidos a pensar, trabalhado para que o espaço seja visto com lucidez e flexibilidade.

Olha-se sempre aquilo que se vê: não basta ver, é necessário ver tudo e não é qualquer olhar que pode atender a essa exigência: o olhar deveria ser educado e dirigido a partir de uma pedagogia do olhar. Para ver tudo, o olhar precisa ter lucidez e flexibilidade. O olhar do homem moderno foi educado para não ver.

Existiria, portanto, uma forma de preconceito: uma cegueira induzida socialmente e responsável por impedir a ação do olhar. Libertar-se do preconceito significaria recuperar o direito ao olhar. Contudo, existe a premissa de que toda a percepção cognitiva é enganosa e só pode ser superada através da educabilidade do olhar, que corrige a falsa percepção. Essa educação ocorreria através da ciência, dos legisladores, filósofos e pedagogos, que contribuiriam para remover as vendas que bloqueiam o olhar, mantidas pelo opressor. A esse respeito é conveniente assinalar que “Diderot elogia o olhar competente, que passou pela experiência da cegueira social, e elevou-se acima dela, pela ciência e pela educação” (ROUANET, 1988, p. 135). Ou como na perspectiva de Rousseau, para quem “[...] é preciso ver tudo, e para isso o olhar deve ser competente, porque a ingenuidade o condenaria à cegueira, e igualitário, porque só a reciprocidade pode fundar um mundo transparente” (ROUANET, 1988, p. 137). (Rouanet, 1988 apud Oliveira, 2005, p. 24)

3.5 A escola e os estudantes

A Escola Estadual Doutor Levindo Coelho está localizada na Rua Amadeu José Schiavon no bairro Vila Casal. Fundada em 03 de abril de 1939, a escola tem grande importância histórica na formação de jovens da cidade de Ubá, são mais de 80 anos de existência, ofertando as etapas do Ensino Fundamental e Médio, possibilitando a formação no Ensino Básico de diversos habitantes da cidade.

A escola tem uma boa infraestrutura, com várias salas de aulas, uma biblioteca, uma sala de informática com vários computadores disponíveis, a cantina tem um estrutura muito boa para servir lanche e almoço aos alunos, tem uma quadra para os alunos realizarem atividades esportivas (quase sempre o futebol), diversos bancos e espaços para os alunos se acomodarem quando estão fora de sala.

A diretoria da escola foca muito em atividades extraclasse, com vários eventos que visam comemorar determinadas datas históricas, realizando atividades com os alunos, como teatros, apresentações de trabalho, produções artísticas, além de atividades de lazer como o interclasse (um campeonato de futebol entre os alunos), sempre oferecendo lanches (cachorro quente, bolo, refrigerantes; etc) aos estudantes como forma de comemorar os eventos.

Uma ideologia de gestão que valorizo e acho essencial por trazer atividades que distraem os alunos, dando um descanso da rotina desgastante de sala de aula, tornando a escola um espaço de socialização e troca de experiências entre os jovens. Mas, muitas vezes, isso acaba deixando em segundo plano o exercício da prática docente em sala de aula, que também é fundamental para a aprendizagem.

Os estudantes que compõem a turma que exercito minha prática docente são 28 jovens entre 16 e 17 anos, que estão cursando o 2º ano do Ensino Médio. Devido à idade e condição financeira muitos já trabalham, tendo uma responsabilidade que vai além da sala de

aula, tornando mais difícil o foco nos estudos. Além disso, a maioria dos alunos não se interessam tanto em cursar um Ensino Superior, vejo que muitos ainda não se preocupam com isso ou enxergam como uma possibilidade muito distante da realidade em que vivem.

São alunos que acabam só vendo sentido nas atividades realizadas extraclasse, quanto aos conteúdos passados em sala de aula, muitos estão desinteressados e desmotivados a aprender. Devido a isso, busco sempre realizar atividades em conjunto deles e dialogar sobre questões do cotidiano, como uma forma de nos aproximar e a partir disso ir introduzindo temas que devem ser abordados no ensino de Geografia. Muitas vezes os alunos só precisam ser ouvidos para que se sintam acolhidos dentro da escola.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para estruturar melhor essa discussão e fazer a análise dos resultados, a sequência didática sobre o tema segregação socioespacial para alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Levindo Coelho, abordando o conceito de espaço e relacionando com o cotidiano dos alunos, utilizando recursos e procedimentos que instiguem a criação de uma visão crítica nos educandos sobre o espaço e o sistema em que estão inseridos deve ser feita a partir de 5 aulas e 4 atividades estruturadas da seguinte maneira:

Quadro 3:

Sequência Didática sobre o tema Segregação Socioespacial - 2º ano do Ensino Médio.

AULA	CONTEÚDO	ATIVIDADE
1º aula - O conceito de espaço.	Definição do conceito de espaço, citando Milton Santos.	Questionário para os alunos responderem e entrevistarem alguém com questões que os instiguem a pensar as diferentes formações do espaço.
2º aula - Troca de ideias sobre o questionário.	Análise e comparação das respostas feita em sala de aula em conjunto dos alunos.	Pedir aos alunos para trazerem imagens que explicitem a desigualdade entre o Centro e o bairro em que vivem.
3º aula - Definição do conceito de segregação socioespacial.	Definição do conceito de segregação socioespacial, abordando a relação entre capitalismo e Estado e o conflito entre classes sociais na formação do espaço segregado.	
4º aula - Definição do conceito de segregação socioespacial.	Definição do conceito de segregação socioespacial, abordando a influência da	Produzir um material sobre o que aprendeu com o documentário “A Ponte”, disponível gratuitamente

	propriedade e da especulação imobiliária na formação dos tipos de segregação existentes (auto segregação, segregação imposta e segregação induzida).	na internet.
5º aula - Campo <i>online</i> .	Aula de campo <i>online</i> .	Identificar e analisar a segregação socioespacial presente entre a Rocinha e o Leblon no Rio de Janeiro e entre o bairro Vila Casal e o Centro de Ubá-MG.

Elaboração: Francisco Nascimento, 2023.

Fazendo uma análise mais concreta da sequência didática, a primeira aula foi uma introdução ao conceito de espaço com uma abordagem em sala de aula mais convencional. Escrevi tópicos no quadro para basear minha argumentação sobre o tema, definidos como: a formação do espaço, a relação entre sociedade e natureza e como se formam as desigualdades existentes no espaço, fazendo citações de Milton Santos sempre que possível. A explicação do conteúdo foi rápida, entre 25 e 30 minutos, após isso, realizei uma troca de ideias com os alunos, perguntando sobre o local onde moram, o que achavam da estrutura do local, o que achavam dos espaços da cidade, se tinham alguns com melhor infraestrutura do que outros, uma forma de fazer os alunos falarem do espaço em que vivem a partir de um diálogo, sem ficar cobrando a definição do conceito nos argumentos expostos por eles.

Feito isso, para finalizar a aula expliquei aos alunos a atividade que eles teriam que realizar e me entregar para fazermos uma análise das respostas, assim, escrevi as 20 questões do questionário no quadro para que copiassem e pudessem realizar a atividade em casa. Na aula seguinte foi realizada a discussão sobre as respostas.

A maioria dos estudantes moravam no bairro onde está localizada a escola, mas também tinham alunos de bairros vizinhos que tinham que pegar transporte público para irem à aula. Os entrevistados faziam parte de diversos bairros da cidade, mas poucos eram do Centro ou bairros compostos por pessoas de alta renda. Assim, escrevi o nome dos bairros no quadro para os alunos terem uma visualização sobre os locais que estávamos analisando e fomos explorando as respostas em conjunto.

A maioria dos bairros tinha coleta de lixo e tratamento de esgoto. Muitos alunos e entrevistados faziam uso de transporte público e a maioria avaliou com nota 5 a qualidade do transporte, argumentando em sala que poderiam ter mais ônibus disponíveis para que tivesse maior conforto na locomoção.

Todos os bairros eram asfaltados, mas não tinham a manutenção adequada, com muitos alunos reclamando da quantidade de buracos nas ruas. Outra questão pertinente no

questionário foi a ocupação de encostas de morros, praticamente todos os bairros tinham casas construídas em encostas.

Além disso, algo que foi comum entre as respostas dadas foi a falta de confiança na polícia como garantidora da segurança, dialogando sobre isso, muitos alunos falaram que viam mais ações de violência da polícia em seus bairros do que atos que possam garantir a segurança dos moradores.

Muitos analisaram o Centro da cidade como melhor estruturado do que os bairros e devido a isso, os alunos argumentaram que a prefeitura não se importava com o local onde residiam e, como consequência disso, percebi uma falta de confiança na política como meio de mudar essa situação, muitos estudantes pronunciaram falas de senso comum sobre políticos, generalizando todos como “corruptos” ou “ladrões”.

E, em decorrência das respostas realizadas, os alunos chegaram à conclusão de que existem pessoas mais privilegiadas do que outras na cidade e que esse poder estava ligado à condição financeira. Já começando a criar a noção de que existe uma segregação socioespacial na cidade que está relacionada às relações de poder promovidas pelo capitalismo.

Foi uma aula muito proveitosa, com aproximadamente 40 minutos de troca de ideias sobre os resultados, tendo no meio disso, alunos contando histórias sobre o lugar onde vivem, falando sobre suas vivências, situações que já passaram, justificando as respostas que deram. Para finalizar a aula, expliquei a próxima atividade que deveria ser feita, com o uso de imagens que representassem as desigualdades entre o Centro e algum outro bairro.

Como deixei em aberto para os alunos decidirem a forma como iriam se organizar para realizar o trabalho, eles decidiram realizar em grupo, sendo 3 grupos com aproximadamente 7 alunos cada. Os alunos trouxeram as imagens no celular e me mostraram em sala de aula, as fotos eram de ruas esburacadas dos bairros em comparação com as ruas bem asfaltadas do Centro, além de fotos de áreas de lazer (praças e quadras poliesportivas) que estavam abandonadas nos bairros em comparação com a Praça São Januário, que está sempre bem conservada e limpa por estar localizada no Centro da cidade.

A amostragem das imagens e minha avaliação sobre elas custou cerca de 15 minutos da aula, após isso, comecei a introduzir o conceito de segregação socioespacial, abordando a influência do capitalismo, do Estado e do conflito entre classes sociais na produção de espaços segregados dentro da mesma cidade.

Na 4ª aula desta sequência didática continuei a análise sobre o conceito, abordando a influência da propriedade e da especulação imobiliária na formação dos tipos de segregação

existentes (auto segregação, segregação imposta e segregação induzida). Foram duas aulas com pouco diálogo em conjunto dos alunos por ser a apresentação de um conceito que os educandos não conheciam ou pouco conheciam, e que tinha que ser explicado de maneira mais conteudista por um professor que estudou muito esse conceito em seu processo de formação acadêmica.

Mesmo com uma abordagem de ensino que busca a troca de saberes, a valorização do conhecimento dos estudantes, lutando contra a imposição de poder entre professor e aluno, a prática docente necessita de momentos em que, quem tem uma formação de Ensino Superior que dá habilitação para falar mais precisamente e conceitualmente sobre determinado assunto, precisa de um maior tempo de fala para apresentar o conteúdo aos alunos. Mas, mesmo com pouca participação, o professor deve apresentar o conteúdo sempre relacionando com o cotidiano dos alunos, fazendo-os imaginar o conceito na prática enquanto a aula vai se desenvolvendo.

Ao término dessa aula, passei aos alunos a 3ª atividade programada pela sequência didática, a escolha do documentário “A Ponte” se deu por tratar de uma realidade de São Paulo onde a segregação socioespacial se expressa em uma escala muito maior do que na cidade de Ubá. Uma forma de fazer os alunos interpretarem o conceito além do local onde vivem, estimular a conscientização de que esse é um problema relacionado ao sistema em que vivemos e que todas as cidades estão sujeitas a esse processo de segregação.

Os materiais produzidos pelos educandos nessa atividade foram diversos, alguns fizeram resumos do que foi exposto no documentário, outros realizaram poemas que expressavam os problemas da segregação socioespacial, também tiveram desenhos, imagens retiradas da internet que explicitavam a segregação e os problemas ligados a ela. Um resultado muito satisfatório por ver a diversidade de formas que os alunos podem se expressar, dando liberdade para que cada um escolha a forma como quer realizar a atividade, fica possível analisar as qualidades individuais de cada aluno, alguns com mais facilidade em se manifestar através da escrita, outros através da arte.

Para finalizar a sequência didática foi realizado o trabalho de campo *online*, como forma de sistematizar todo o conteúdo que foi passado a partir de uma análise crítica dos espaços analisados na atividade, um trabalho essencial para o ensino de Geografia.

Minha avaliação sobre os alunos se dá a partir do esforço feito para realizar as atividades e participar das aulas, sempre estarei ao lado dos alunos para que possam discutir sobre questões que os incomodam no cotidiano, buscando acolher e exercer um papel de educador e também de orientador. Gerar esse sentimento de acolhimento aos alunos para que

se sintam confortáveis em sala de aula é fundamental para que se sintam parte da escola, como alguém que está ali para ser entendido e escutado e não apenas visto como um aluno em busca de ser bem avaliado em relação às notas.

Mas como forma de resumir a análise dos resultados dessa atividade, irei explorar a produção de quatro alunos que tiveram mais facilidade em compreender o conteúdo trabalhado e desenvolveram respostas melhor elaboradas e mais completas. Como defensor de uma ideologia de ensino anarquista, é preciso estar consciente de que nem todos alunos irão se interessar pelos assuntos discutidos em sala de aula, existem diferentes gostos, os que se interessam mais pelas ciências exatas e também os que não se interessam por conteúdos relacionados à aprendizagem escolar. O padrão estabelecido de que o “bom aluno” é aquele que se interessa por todas as disciplinas não faz parte da minha ideologia de ensino. A participação em sala e o sentimento de estar incluído e motivado a participar, para mim, é o que define um bom aluno.

A primeira navegação que os educandos tiveram que fazer utilizando o *Google Street View* foi na Rocinha observando os pontos positivos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço. O principal aspecto observado foi a valorização da arte na comunidade, os estudantes analisaram vários muros com grafite, definido por uma aluna como representação de uma “cultura vibrante”, algo que traz beleza para o local. Outro ponto observado foi a quantidade de pequenos comércios, muitos serviços oferecidos por lojas, restaurantes, que foram analisados pelos alunos como pertencentes à comunidade, como uma atividade gerenciada por quem vive naquele local, voltada para servir quem também habita a comunidade.

Os pontos negativos observados são questões que os alunos identificaram como algo relacionado à desigualdade social que obriga os habitantes do local a ocupar encostas de morros, com residências sem infraestrutura adequada, ruas estreitas e sem coleta de lixo. Partindo dessas observações, os alunos fizeram análises que estavam além do que estava sendo mostrado nas imagens, muito devido ao que observam no cotidiano dos espaços segregados da cidade, descrevendo o local como poluído, favorável ao tráfico de drogas e com alta taxa de violência. Características que os alunos já associam ao ver um espaço onde a desigualdade está presente.

Partindo para a análise do próximo espaço, o Leblon, os estudantes observaram como pontos positivos características que faltavam na Rocinha, deixando claro a segregação socioespacial, como a boa infraestrutura das casas, ruas e calçadas espaçosas e bem conservadas, pouco lixo na rua, muitas árvores no local. Aspectos que levaram os alunos a

concluir que os serviços públicos são mais eficientes nesse espaço da cidade, e que, devido a isso, a segurança no local também era mais efetiva.

Os pontos negativos foram explicitados, novamente, a partir de uma interpretação que foi além do que estava exposto nas imagens, conclusões que fizeram a partir de conhecimentos já adquiridos nas aulas anteriores da sequência didática. Assim, devido a toda infraestrutura do local, argumentaram que o custo de vida era elevado, imaginando que os bares, lojas e restaurantes tinham um preço muito mais elevado do que os que foram observados no espaço da Rocinha. Além disso, analisaram o trânsito no local e a quantidade de prédios construídos como algo negativo, por trazer poluição e ter muitas pessoas morando no mesmo local.

Após a análise dos dois espaços da cidade do Rio de Janeiro, os alunos fizeram uma comparação entre eles e, refletindo sobre os pontos positivos e negativos de cada um, concluíram que a qualidade de vida no Leblon é melhor, mas que devido a isso, quem ocupa o local são pessoas que têm uma boa condição financeira. Explicitando a ideia de que os espaços bem conservados da cidade são selecionados para as classes mais altas da sociedade, uma característica evidente da segregação socioespacial existente na cidade.

Saindo dessa análise mais ampla da segregação socioespacial de uma cidade conhecida globalmente, agora a atividade se desenvolve a partir de uma observação do local onde habitam. O primeiro espaço a ser analisado se deu em torno da escola onde estudam e que frequentam praticamente o ano inteiro.

Os pontos positivos destacados foram o comércio do local voltado para quem habita ele, uma característica parecida com que observaram na Rocinha, além de ruas espaçosas e com pouco trânsito, argumentando que isso favorece a socialização entre os moradores do local e também citaram a escola como algo positivo do espaço, por ser onde estudam, se alimentam e interagem com outros.

Os pontos negativos são bem parecidos com os que foram citados na análise da Rocinha. Ruas esburacadas, falta de encanamento de qualidade, gerando a inundação das ruas quando chove, várias casas ocupando morros e encostas, sem a infraestrutura adequada, se tornando uma área de risco de deslizamentos. Situações que fizeram os alunos argumentarem que a manutenção do local por parte da Prefeitura não é feita com qualidade, expressando que há um descaso com a população do local, um sentimento de exclusão em relação a outros espaços da cidade. Uma compreensão explicitamente relacionada ao estudo sobre segregação socioespacial.

Seguindo a atividade, o próximo espaço analisado foi ao entorno da Praça São Januário, localizada no Centro e sendo uma área valorizada da cidade de Ubá. Os pontos positivos expostos pelos estudantes foram a boa arborização do local, uma área de lazer bem conservada, a grande disponibilidade de comércios (lojas, restaurantes, sorveterias) e serviços oferecidos (prefeitura, várias escolas, correios, academias, farmácias, etc) e também as feiras culturais que ocorrem na praça, eventos que geram um grande interesse nos alunos, mas que só são oferecidos nesses espaços mais valorizados da cidade.

Os pontos negativos citados foram o trânsito intenso no local, caracterizado por eles como algo “horível”, a falta de sanitários disponibilizados nas áreas de lazer e a falta de segurança, argumentando que não se sentem seguros para frequentar os arredores da praça à noite pela falta de fiscalização no local. Algo que também está relacionado aos efeitos que a segregação socioespacial gera na cidade, devido às diferenças de oportunidades, serviços e qualidade de vida oferecidos às pessoas de diferentes classes sociais, a violência se dá muito presente na cidade de Ubá, com muitos moradores de rua e infratores que se aproveitam dessas áreas mais valorizadas da cidade para conseguirem algum sustento e muitas vezes, infelizmente, essa busca pelo sustento se dá através do uso da violência.

Comparando as respostas dadas sobre os dois espaços observados da cidade, os alunos analisaram as características que diferenciam o modo de vida em cada local. Compreenderam que, como o espaço em torno da praça é melhor conservado, com mais serviços oferecidos, o custo de vida é mais elevado, mas também argumentam que habitar o local deve ser exaustivo devido ao trânsito e aos perigos decorrentes da desigualdade social. Já a vida nos espaços ao entorno da escola, é descrito por eles como algo mais tranquilo, mesmo com toda a falta de investimento e descaso com a conservação das ruas, algo que analisei que incomoda muito eles, as ruas esburacadas no local que não são vistas no Centro da cidade.

Para finalizar o trabalho de campo *online*, pedi aos alunos que fizessem observações sobre o que acharam da atividade, uma questão elaborada com o objetivo de dar chance aos educandos de expor sua opinião sobre o que é desenvolvido com eles, uma forma de se sentirem como parte de um projeto pedagógico.

Assim, os alunos elogiaram a plataforma utilizada para a realização do campo, por ser possível analisar diferentes locais que nunca conheceram de forma *online* e gratuita. Além disso, classificaram como importante a observação das diferenças socioespaciais entre os espaços da cidade, pois compreenderam como a ocupação desses espaços é algo seletivo, com pessoas de alta renda tendo a oportunidade de morar em lugares melhor estruturados,

enquanto as pessoas de baixa renda são obrigadas a habitarem áreas menos valorizadas que, conseqüentemente, recebem menor investimento do Estado e dos detentores do capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou discutir a estruturação de uma seqüência didática e sua implementação visando a aprendizagem do conceito de segregação socioespacial para alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Levindo Coelho. Toda a construção foi voltada para a implementação de uma prática pedagógica que valoriza o conhecimento empírico dos estudantes, dando liberdade para que se manifestem em sala de aula, abordando o conceito de espaço, buscando sempre fazer relações com a realidade vivida pelos alunos para que sejam instigados a questionar a estrutura desigual entre os espaços da cidade onde vivem.

Analisando toda a pesquisa e a implementação da seqüência didática em sala de aula concluo que o resultado foi de acordo com o esperado. A implementação de uma prática pedagógica anarquista se mostrou eficiente, com os alunos se pronunciando sobre suas opiniões, conhecimentos e se expressando de maneira livre, construindo uma relação de muito diálogo e troca de experiências, que possibilitou, por meio desses diálogos, a criação de uma visão problematizadora sobre a sociedade, sempre indagando-os sobre os problemas que os incomodavam, como uma forma de fazê-los refletir sobre suas causas.

As atividades também trouxeram um resultado satisfatório em relação aos objetivos da seqüência didática. Os alunos tiveram a oportunidade de fazer perguntas sobre os problemas que existem no local onde vivem, posteriormente realizando discussões sobre essas questões, concluindo que existe uma segregação socioespacial na cidade, formada a partir da ação seletiva do Estado e das relações de poder construídas em torno da ideologia capitalista.

O método escolhido para a execução da aula de campo foi algo novo para mim e para os alunos, um recurso que visava fazer uso das tecnologias disponíveis gratuitamente na internet e que estão cada vez mais inseridas no desenvolvimento dos jovens, além de possibilitar o estudo de áreas que seriam impossíveis de serem estudadas presencialmente, devido à falta de recursos da escola. E o resultado do trabalho de campo foi muito produtivo.

Devido a tecnologia estar cada vez mais inserida no cotidiano dos jovens, os alunos se adaptaram facilmente às ferramentas disponibilizadas pelo *Google Street View* e se mostraram muito empolgados em realizar a atividade, fazendo uso desse recurso para conhecerem locais além do que estava sendo pedido na atividade de campo.

Refletindo sobre as análises feitas pelos educandos sobre os espaços estudados no trabalho, foi satisfatório ver que a maioria conseguiu assimilar as desigualdades existentes entre os locais com os conceitos trabalhados ao longo da sequência didática. Os alunos desenvolveram um pensamento crítico sobre o por que de alguns espaços terem melhor infraestrutura do que outros, analisando que os locais onde há maior investimento e manutenção são destinados à classe alta do sistema capitalista por ter um elevado custo de vida, relacionados à questão da especulação imobiliária e a propriedade privada.

Assim, os alunos criaram consciência de que os espaços com menor investimento têm um custo de vida mais baixo, obrigando as pessoas de baixa renda a habitarem esses locais. Uma forma de separar a habitação entre ricos e pobres, gerando a segregação socioespacial.

Enfim, concluo minha pesquisa realizada em conjunto com os alunos satisfeito com os resultados obtidos. Ao longo dessa sequência didática foi construída uma relação de muita troca de conhecimento entre os estudantes, me aproximando da realidade deles e levando-os a conhecer as diferentes realidades existentes em nossa sociedade. Uma prática pedagógica problematizadora e de muitas ações em conjunto satisfatórias por que

Na prática da ajuda mútua, que remonta aos primeiros passos da evolução, encontramos a origem evidente e indubitável de nossas concepções éticas; e podemos afirmar que, no progresso ético do homem, a ajuda mútua – e não a luta de uns contra os outros – tem o papel principal. (Kropotkin, 2009, p. 234)

Analisando a pesquisa em uma perspectiva futura, compreendo que esse estudo tem relevância na implementação de novos métodos de trabalho de campo no ensino de Geografia para o Ensino Básico, os recursos tecnológicos estão cada vez mais evoluídos criando ferramentas que podem ser eficazes na compreensão de determinados temas, então a implementação desses recursos como método de ensino é algo que deve ser levado em consideração, devido também à facilidade que os jovens têm para se adaptar às novas tecnologias.

Com isso, a execução da atividade de campo *online* descrita nesta pesquisa, exemplifica o potencial da aplicação desses recursos no ensino. Uma forma de tirar proveito da inserção tecnológica cada vez mais presente na formação das gerações futuras, aplicando esses recursos com objetivo de gerar conhecimento, ampliando o uso das tecnologias pelos jovens, se tornando um instrumento de aprendizagem e de construção de pensamento crítico sobre questões que envolvem a formação da sociedade.

6 BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO, Acácio; PASSETTI, Edson. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- A PONTE. Produção: Instituto Rukha/ Sindicato Paralelo. Direção: Roberto T. Oliveira e João Wainer. São Paulo. 2006. Disponível em: [A Ponte \(documentário completo\)](#). Acesso em: 26 nov. 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**. Uberlândia. v.6, p. 51-62, jan/dez, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A prática espacial urbana como segregação e o direito à cidade como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto lobato; PINTAUDI; Silvana Maria (orgs). **A cidade contemporânea: A segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013. 4, 95 – 110.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Segregação socioespacial no ensino de Geografia: um conceito em foco**. ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017. pp.140-159.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Segregação Residencial: Classes Sociais e Espaço Urbano. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto lobato; PINTAUDI; Silvana Maria (orgs). **A cidade contemporânea: A segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013. 2, 39 – 60.
- GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.35, p.241 a 252, maio/ago, 2007.
- JULIANI, Jhonny. Ensino de Geografia e sociedade em Piotr Kropotkin. **Revista de Ensino de Geografia**. Uberlândia - MG, v. 9, n. 16, p. 34-53, jan./jun. 2018.
- KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda Mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A senhora Editora, 2009.
- OLIVEIRA, Janete Regina de. **O trabalho de campo e o ensino de Geografia**. Tese (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG. 2005.
- PESSOA, Ana Cláudia Gonçalves. Sequência didática. **CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita)**. [s.d]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica>. Acesso em: 26 nov. 2023.
- PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. O Ensino de Geografia sobre segregação socioespacial nas cidades brasileiras. **Revista Geografar**. Curitiba. v.15, n.1, p. 44-60, jan a jun./2020.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (orgs.). **A cidade contemporânea: segregação socioespacial**. São Paulo: Contexto, 2013. 3, 61 – 94.
- THIESEN, Juares da Silva. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 15, p. 85 a 95, jan/abr, 2011.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

ANEXOS

Anexo 1

Anexo 2

	<p>ESCOLA ESTADUAL “DR. LEVINDO COELHO”</p> <p>ALUNO (A): _____ TURMA: <u>2º ano</u></p> <p>PROFESSOR (A): <u>Francisco Lima Nascimento</u></p>
---	--

A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO BRASIL

O fenômeno da globalização desencadeou um avanço da ciência e da tecnologia que possibilitou a criação de diversas ferramentas que nos conectam com realidades distantes da que vivemos. Podemos conversar com pessoas em diversos locais de maneira *online*, recebemos notícias a todo momento de países do mundo inteiro, também podemos analisar diferentes espaços sem a necessidade de estarmos presentes fisicamente no local, e uma das ferramentas que possibilitam isso é o *Google Maps* através do *Street View*¹.

Nesta atividade será pedido a análise de diferentes espaços do nosso país com o intuito de refletir sobre a segregação socioespacial.

Como já estudamos, a segregação é imposta pelo sistema desigual em que estamos submetidos e, conseqüentemente, observamos no espaço essas desigualdades, com alguns tendo melhor infraestrutura do que outros. Mas, ao mesmo tempo, isso não quer dizer que quem vive em locais melhor estruturados são mais felizes ou satisfeitos do que quem mora em locais que não recebem um investimento adequado. A qualidade de vida é algo relativo e em todo espaço podemos encontrar pontos positivos e negativos.

Assim, nessa atividade vocês terão que analisar diferentes espaços pelo *Google Maps* e refletir sobre pontos positivos e negativos de se viver nesses locais, levando em consideração diferentes aspectos, como:

- lazer;
- convivência;
- segurança;
- infraestrutura das ruas e casas;
- a possibilidade de interagir com vizinhos;
- a comodidade de locais de socialização (praças, bares, restaurantes);
- os serviços oferecidos (transporte, lojas, escolas);

¹Ferramenta lançada pelo *Google* em 2007 com o intuito de gerar imagens tridimensionais em vários locais do mundo, a coleta de imagens se dá pela implementação de câmeras especiais em carros que transitam pelas ruas das cidades que, automaticamente, fazem a combinação das fotos tiradas com a localização exata. Assim, fica possível “viajar” pelas ruas das cidades utilizando essa plataforma *online*.

- o custo de vida do local; entre outros.

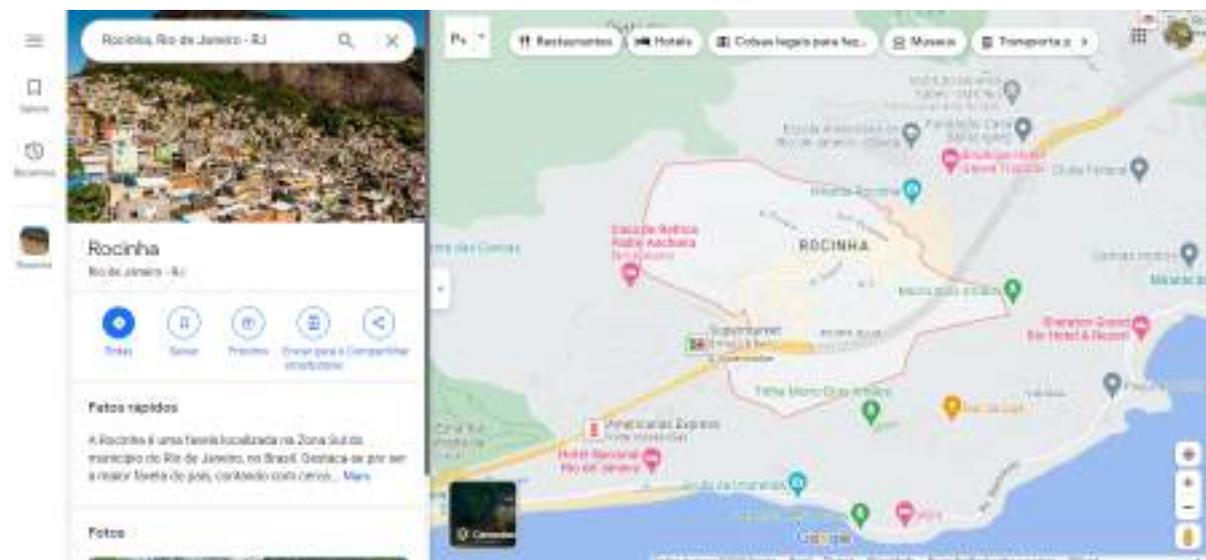
Faça uma análise sem preconceitos, pensando na estrutura do local mas também na receptividade que pode oferecer a quem for morar nele.

Essa atividade será dada primeiramente pela análise de espaços de nosso país que são reconhecidos globalmente para depois analisarmos os espaços do local em que vivemos. Uma forma de conseguir exercitar a compreensão de fenômenos sociais em diferentes escalas.

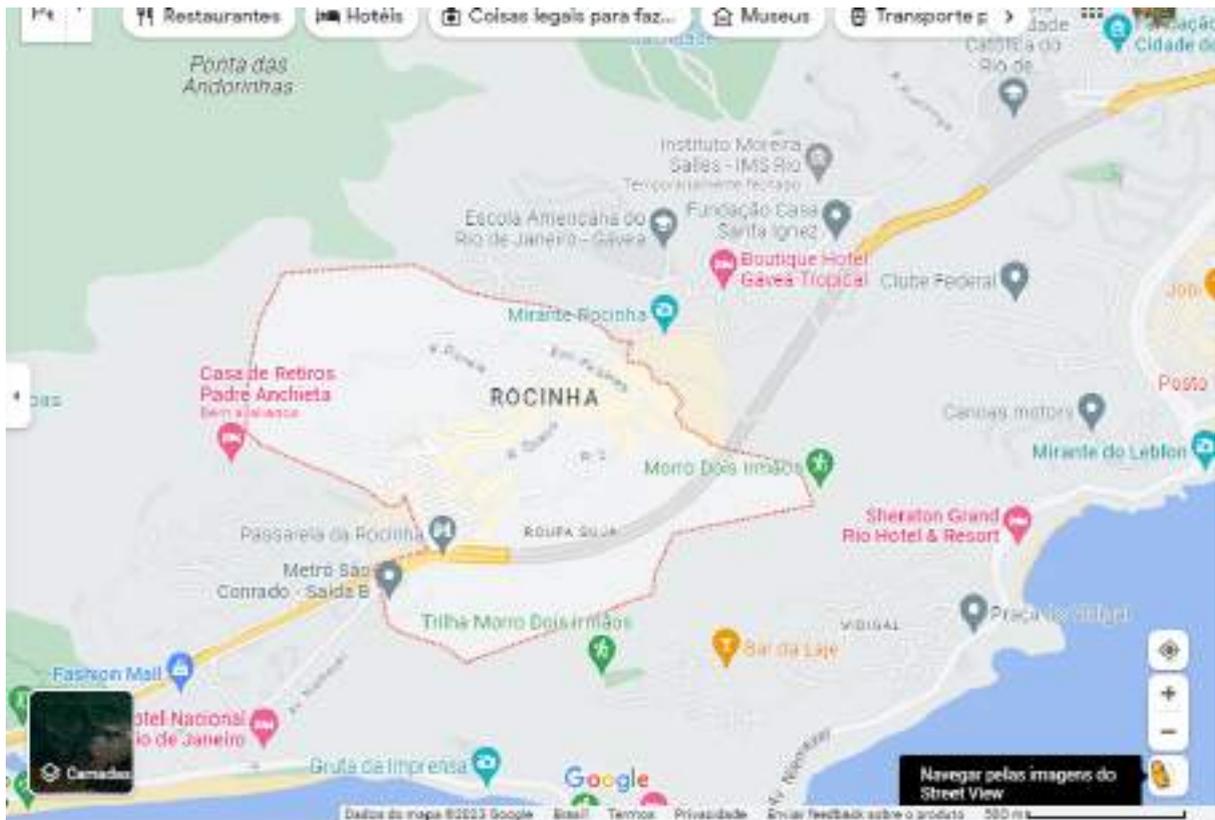
Para isso, digite *Google Maps* no navegador e entre na primeira opção:



Ao abrir o Maps, pesquise Rocinha, Rio de Janeiro e clique na primeira opção, sua tela ficará assim:



Para navegar com o *Street View*, clique no boneco amarelo no canto inferior da tela, arraste e solte em alguma rua pertencente à favela da Rocinha:

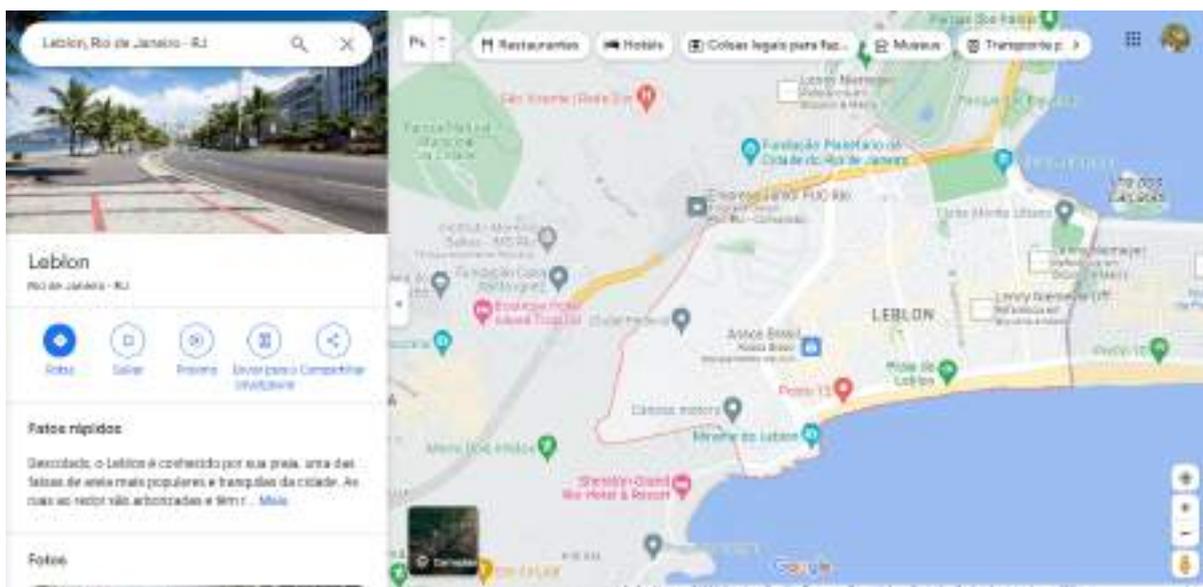


Feito isso, navegue pelas ruas da Rocinha e vá analisando a infraestrutura dos espaços. A Rocinha é uma favela localizada na Zona Sul do município do Rio de Janeiro e destaca-se por ser a maior favela do país, contando com cerca de 70 mil habitantes.

Agora faça observações sobre o local analisado, citando e argumentando sobre pontos positivos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Feito isso, cite e argumente sobre pontos negativos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Seguindo a atividade, agora pesquise no *Google Maps*: Leblon, Rio de Janeiro, um bairro de custo de vida alto localizado próximo à favela da Rocinha e, novamente, arraste e solte o boneco em alguma rua do bairro e navegue por ele.

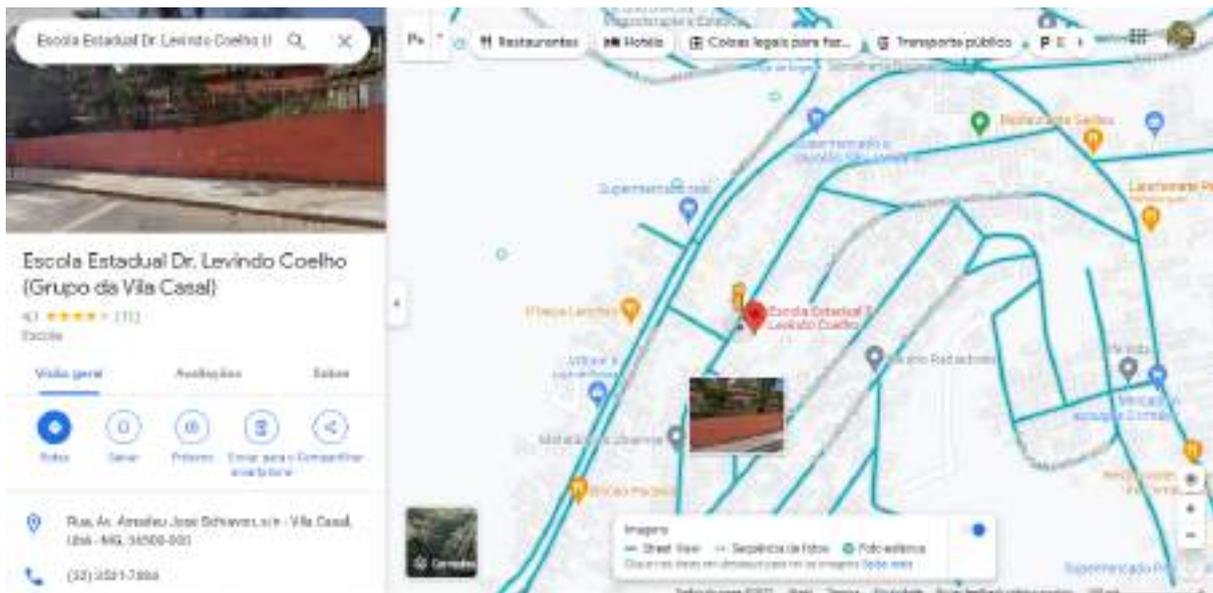


Agora faça observações sobre o local analisado, citando e argumentando sobre pontos positivos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Feito isso, cite e argumente sobre pontos negativos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Faça uma comparação entre as duas áreas, citando as ruas analisadas e as características que diferenciam o modo de vida em cada local.

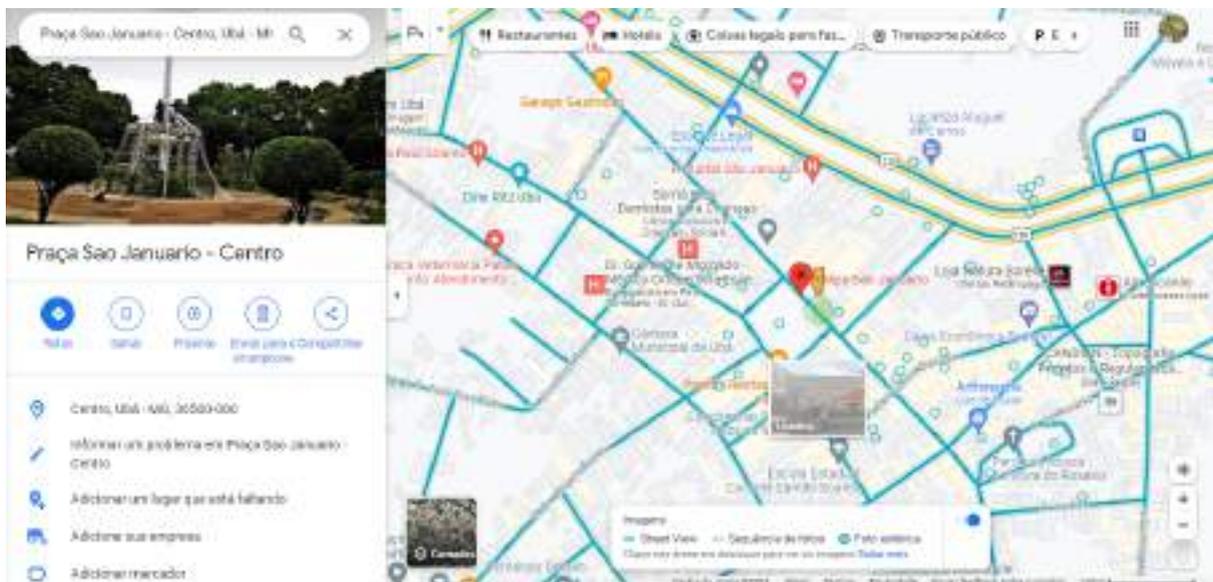
Após essa análise mais global, agora faça uma análise local. Para isso, pesquise no *Google Maps*: Escola Estadual Dr. Levindo Coelho. Solte o boneco em frente à escola e navegue pelas ruas ao seu redor.



Agora faça observações sobre o local analisado, citando e argumentando sobre pontos positivos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Feito isso, cite e argumente sobre pontos negativos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Seguindo a atividade, pesquise Praça São Januário no *Google Maps*, arraste e solte o boneco no local e navegue ao entorno da praça.



Agora faça observações sobre o local analisado, citando e argumentando sobre pontos positivos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Feito isso, cite e argumente sobre pontos negativos que podem ser vivenciados por quem ocupa esse espaço.

Faça uma comparação entre as duas áreas, citando as ruas analisadas e as características que diferenciam o modo de vida em cada local.

A partir dessa atividade podemos observar como que a segregação socioespacial está presente em todo nosso país, tanto em cidades menores como em cidades reconhecidas mundialmente e, analisando os caminhos percorridos no *Street View*, também fica evidente como que essa segregação está presente lado a lado dentro da mesma cidade. Em uma distância muito curta saímos de um bairro de baixa infraestrutura, com custo de vida baixo,

composto por uma classe social explorada pelo capitalismo em direção a um bairro de custo de vida elevado, composto pela classe que domina as relações de produção.

A proporção dos problemas decorrentes da segregação socioespacial é muito maior no Rio de Janeiro do que em Ubá, devido à diferença populacional entre as cidades (Rio de Janeiro aproximadamente 6,7 milhões de habitantes; Ubá aproximadamente 115 mil habitantes), mas em ambas podemos analisar um espaço com menos infraestrutura, áreas de lazer mal preservadas, ruas esburacadas, menor oferta de serviços, casas ocupando áreas de risco, mas também com maior possibilidade de interação entre os vizinhos, possibilidade das crianças fazerem uso da rua para se socializarem, bares e restaurantes que possibilitam encontros e conversas, formando uma comunidade mais unida como forma de superar o descaso do Estado com o espaço onde vivem. Já nos espaços melhor estruturados, podemos analisar em ambas cidades, muitos prédios com custo de vida alto, passeios mais largos, ruas bem asfaltadas, uma valorização do terreno que torna alto o custo do aluguel de apartamentos relativamente pequenos, uma maior oferta de serviços que, conseqüentemente, gera um maior tráfego de pessoas e veículos, tornando mais difícil a interação entre os moradores desses espaços.

Sendo assim, podemos analisar pontos negativos e positivos em cada espaço da cidade, devido ao sistema consumista em que estamos submetidos, muitas vezes a qualidade de vida está associada ao poder de compra do indivíduo, mas nos esquecemos que o capital não faz parte da essência do ser humano, e sim a socialização, a convivência com o próximo, o apoio mútuo entre pessoas que convivem diariamente entre si, e isso não é algo que depende do financeiro, podemos observar isso em qualquer espaço de convivência entre seres humanos e é essa socialização que tem grande influência na qualidade de vida do ser humano.

Para finalizar, faça observações sobre essa atividade (o que aprendeu, como fez as análises, quais conhecimentos foram utilizados, se gostou da plataforma utilizada, etc).
